



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MELIANDE, Mariana Barreiros. A constituição subjetiva numa história de compulsão alimentar: estudo de caso. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA NUMA HISTÓRIA DE COMPULSÃO ALIMENTAR: ESTUDO DE CASO

Mariana Barreiros Meliande

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo contribuir para a compreensão da compulsão alimentar através da teoria psicanalítica. Trata-se de um caso clínico pensado à luz da constituição subjetiva, a partir das teorias de Freud, Lacan e Winnicott. Como metodologia, utilizou-se a revisão bibliográfica dos conceitos de narcisismo em Freud, alienação em Lacan e relação materno-primária em Winnicott, buscando a relação entre estes e o ato de comer compulsivamente. Com este estudo foi possível perceber a importância dos cuidados maternos na constituição do sujeito, e de que maneira as perturbações na relação mãe-bebê podem prejudicar o desenvolvimento do narcisismo, aprisionando o sujeito no registro da alienação ao Outro materno.

**Palavras-chave:** Compulsão alimentar. Desenvolvimento. Narcisismo. Relação mãe-bebê.

---

Este trabalho consiste na apresentação de um caso clínico de compulsão alimentar, pensado a partir da constituição do sujeito na psicanálise. Os atendimentos foram realizados semanalmente ao longo de três anos, entre 2013 e 2016.

M., então com 33 anos de idade, entrou em contato comigo pelo telefone, e já nesta primeira ligação, perguntou se eu trabalhava com transtornos alimentares, o que de antemão entendi como um endereçamento a mim da questão: saberia eu cuidar dela? No dia marcado, recebi M. no consultório, era uma mulher jovem e bonita, porém sem vida, sem brilho no olhar. Ela então começou a me contar a sua história, e passei a primeira sessão praticamente só ouvindo. Sentia como se M. me narrasse os fatos de sua vida sem fazer parte dela, o que mais tarde iríamos confirmar juntas. Disse que começou a ter transtorno alimentar aos 13 anos, e que logo a seguir iniciou sua primeira psicoterapia; que na infância fora uma criança gordinha, e que nunca havia se preocupado com o peso ou com o corpo até que decidiu iniciar uma dieta aos 11 anos por conta dos comentários que ouvia: “você é tão bonita, podia ser mais magra”, “você tem uma mãe tão bonita, por que não emagrece?”. Até então, M. me disse que experimentava um prazer genuíno com a comida. Destaquei para ela o uso desta palavra, que ressoou em meus ouvidos, pois nada em M. soava genuíno; ela me parecia uma figura montada, onde as peças não se encaixavam direito. M. então confirmou minha impressão, dizendo “me sinto quebrada, desconectada, como se minha mente não estivesse ligada ao



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MELIANDE, Mariana Barreiros. A constituição subjetiva numa história de compulsão alimentar: estudo de caso. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

meu corpo”. Numa de nossas sessões me disse “acho que meus receptores são ruins”, referindo-se a uma dificuldade em experimentar sensações corporais. Ao longo do tratamento, veríamos que ela tinha muita dificuldade em sentir e em se expressar, e que sua mente estava sempre muito acelerada, com pensamentos desordenados. M. era metódica, e tudo o que lhe escapava ao controle era fonte de intensa angústia, o que a fazia ter episódios de compulsão alimentar ou então faltar ao trabalho (ou a qualquer outro compromisso), e ficar na cama deitada o dia todo, coberta da cabeça aos pés. Nestes momentos ela dizia que um “monstrinho” habitava dentro dela, subvertendo-lhe a vontade. Ela submetia seu corpo a extenuante rotina de atividades físicas e a dietas rigorosas, porém, nunca estava satisfeita com os resultados. Eu conseguia captar a intensa energia que M. desprendia em seu cotidiano e percebia a sua dor, no entanto não havia emoção em sua voz, nem em seu olhar; ela me parecia sempre fria e distante de suas próprias histórias.

M. morava sozinha no apartamento de seu pai, que residia em outra cidade. Tinha um irmão mais novo que também morava sozinho, e seus pais se divorciaram quando os filhos ainda eram crianças. Era formada em jornalismo, e funcionária pública. Tinha apenas algumas amigas, e seus relacionamentos familiares eram superficiais, limitando-se a encontros em festas. No começo da terapia, M. estava iniciando um namoro com um rapaz a quem considerava bastante atraente, porém que era pai de dois filhos, e que não tinha o mesmo nível de escolaridade que ela, fatores que a deixavam insegura quanto à continuidade da relação.

Seus episódios compulsivos podiam ser deflagrados por sentimentos de desamparo e solidão, pela excitação frente a alguma decisão importante a ser tomada, ou até mesmo por uma simples mudança em sua rotina, algo que ela apresentava grande dificuldade de administrar. Uma ou duas vezes por semana, M. comia de forma voraz, preferencialmente alimentos doces, como leite condensado, sorvetes e chocolates. Quando seu pai estava na cidade e comprava qualquer um destes alimentos para que eles pudessem comer juntos, tão logo ele fosse embora, ela jogava tudo fora ou escondia na mala do carro. Quando me procurou para fazer terapia, já havia feito algumas tentativas anteriores sem sucesso, segundo ela. Sua crença no trabalho comigo era hesitante, embora comparecesse às sessões assiduamente. Além da terapia, M. fazia tratamento psiquiátrico com antidepressivo e ansiolítico.

M. me disse que sua mãe era dependente de álcool, e que a relação entre elas era bastante complicada, chegando a agressões físicas. Ela não morava com a mãe desde que



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MELIANDE, Mariana Barreiros. A constituição subjetiva numa história de compulsão alimentar: estudo de caso. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

tinha 20 anos, quando durante uma briga a mãe a expulsou de casa. Sempre se cercando de racionalizações, M. me afirmava que seu transtorno era de origem genética, pois além da mãe alcoolista, seu tio (irmão da mãe) era dependente de cocaína. Dizia que sua família materna era matriarcal, sua avó era exigente e controladora, assim como sua mãe e ela mesma, enquanto seu pai sempre fora pouco presente em sua vida, mesmo quando os pais eram casados, e que ainda hoje, mesmo divorciado de sua mãe e vivendo em outra cidade, ainda era bastante submetido à ex-mulher.

M. nasceu quando sua mãe tinha 19 anos, e esta se ocupou integralmente dos cuidados com a filha até que completasse dois anos de idade, quando engravidou de seu segundo filho. Segundo M., sua mãe dizia que “eram duas crianças brincando de boneca”; que ela decidiu ter outro filho porque “*iria sufocá-la com tanto amor*”, e que “*sempre quis ter uma filha que fosse para ela, aquilo que ela havia sido para sua própria mãe*”. Percebi nestas falas, o quanto a mãe de M. exerceu sua função materna apoiada num ideal de ego, de que ela teria sido uma filha ideal, projetando este ideal sobre a relação com M. Segundo Winnicott (2013), nas semanas e meses que se seguem ao nascimento de um bebê, mãe e bebê se confundem; o exercício da maternidade traz as lembranças de que a mãe também já fora um bebê cuidado por outro, e tais lembranças podem ajudá-la ou prejudicá-la na relação com o seu filho.

M. também apresentava dificuldades em sua vida sexual. Sua primeira relação foi aos 19 anos, “com dia e hora marcados”, ela se dirigiu até a casa do namorado, pois decidiu que aquele deveria ser o instante. De forma mecanizada, como várias situações no seu dia a dia, se deu o início de sua vida sexual, e isto se seguiu posteriormente. Todas as suas relações ocorriam sem prazer e com bastante dificuldade, ela precisava fantasiar cenas que definia como “sujas”, em que era uma mulher que vivia a sexualidade de forma livre para conseguir ter a relação. M. achava o sexo cansativo, tendo em vista que precisava de um enorme exercício mental para realizá-lo em função da frágil relação com seu corpo e da sua dificuldade em sentir qualquer tipo de prazer. Quando estava com cerca de 10 anos de idade, sua mãe, já divorciada de seu pai, saía à noite para namorar e se divertir, o que lhe causava muita angústia e medo de que sua mãe pudesse morrer. Penso que diante da relação indiferenciada de ambas, a ausência de sua mãe significava para ela a morte, “quem irá cuidar de mim, caso você desapareça / me abandone?”. O fato de sua mãe estar saindo para se divertir e namorar pode também ter lhe despertado uma vivência precoce de fantasia sexual cheia de excitação e sedução, e ao mesmo tempo, de dor e angústia pela ausência da mãe, atravessando sua



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MELIANDE, Mariana Barreiros. A constituição subjetiva numa história de compulsão alimentar: estudo de caso. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

sexualidade até a vida adulta. Em seu namoro atual, assim como no anterior não conseguia atingir o orgasmo e só havia experimentado algum prazer em relações sexuais fortuitas. Com o passar do tempo ela me confessou que não conseguia unir o amor e o sexo numa mesma pessoa, dizendo em seguida não saber o que sentia pelo namorado, mas apesar disso, não conseguia terminar a relação. Freud, no texto “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor” (1912) afirma que a origem das perturbações neuróticas decorre da falha na união de duas correntes, a afetiva e a sensual, que asseguram um comportamento amoroso normal. Ao longo do desenvolvimento estas correntes devem se combinar, permitindo a convergência de sentimentos afetuosos e libidinais para o mesmo objeto, sendo que dois fatores podem fazer com que esta junção não ocorra. O primeiro deles seria a frustração com a realidade, e o segundo, “a quantidade de atração que são capazes de exercer os objetos infantis, que deverão ser abandonados, e que existe em proporção às catexias eróticas que se ligam a eles na infância” (p. 187). A libido, nestas circunstâncias, afasta-se da realidade, fixando-se e fortalecendo as imagens dos objetos sexuais infantis, enquanto a corrente afetiva permanece livre. Quando amam, tais sujeitos não são capazes de experimentar o prazer; quando o sentem, não são capazes de amar.

O tratamento prosseguiu ao longo de três anos e durante este período, M. alcançou alguns progressos. Conseguiu perceber a relação de dependência emocional com a mãe, e como esta dependência se repetia em suas relações amorosas; com isso foi capaz de terminar o namoro e ficar sozinha. Sua voz já não era tão monótona e algo em seu olhar havia mudado, ela já sorria mais nas sessões e estava de fato mais relaxada. Seus episódios compulsivos cessaram, e ela já não paralisava sua vida deitada na cama, embora ainda enfrentasse dificuldades com compromissos e tomada de decisões. Sua angústia se deslocara para uma vontade de se mover através de seus próprios esforços, ficar em sua própria companhia, cultivar amigos e perder o medo de viver. Já conseguia dirigir seu carro até a casa de seu irmão, e convidar pessoas para sair. Próximo ao fim do nosso trabalho, M. decidiu que era hora de deixar o apartamento de seu pai, indo morar com mais duas amigas, sinalizando um movimento em busca de maior autonomia.

Encerro a descrição dos fragmentos deste caso clínico pensando que o maior desafio de M. era poder existir diferenciada de sua mãe, sentindo-se uma pessoa real, e não depositária das projeções maternas. Poder existir de forma espontânea e autônoma, contando com o processo terapêutico para lhe oferecer o suporte necessário, o *holding* que sua mãe não



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MELIANDE, Mariana Barreiros. A constituição subjetiva numa história de compulsão alimentar: estudo de caso. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

fora capaz de lhe fornecer de forma adequada, uma vez que também estava envolvida em seu próprio enredo familiar. De acordo com Winnicott (2005), o *holding* tem profunda ligação com a capacidade da mãe em se identificar com seu bebê, um *holding* satisfatório abrange tudo o que uma mãe é e faz, enquanto um *holding* insatisfatório produz extrema aflição na criança, originando nela a sensação de despedaçamento (desintegração de seu ego), além de um sentimento de que a realidade externa não é capaz de reconfortá-la, apaziguando a sua angústia.

Desde o início deste atendimento, o caso de M. me tocou profundamente. Saltava aos meus olhos sua falta de vida, seu estado de desafetação e de desconhecimento de si própria que tornavam sua existência extremamente difícil. Tomada por uma angústia insuportável e afetos que paralisavam seu psiquismo, M. escondia-se do mundo deitada na cama, ou descarregava sua angústia em atos compulsivos, punindo-se posteriormente. Deixei em suspenso por um tempo a compulsão alimentar para tentar compreender sobre que trama afetiva a estória desta paciente havia se estruturado.

Segundo Freire Costa (2012), o olhar materno sem intenção de amor caracterizaria a constituição narcísica do sujeito descrita pela metáfora de uma “moldura vazia do desejo do outro” (p. 11). Ainda que houvesse amor por parte da mãe de M., não teria sido dirigido para ela em sua condição de sujeito singular, mas apenas enquanto reprodução de uma imagem. Na dificuldade de se separar e de se exibir com seus próprios predicados arriscando-se a perder o amor e o investimento de sua mãe, M. se cristalizou em torno de narrativas por subtração “eu não sou”, “eu não sei”, “eu não desejo”, e assim por diante (op.cit, 12).

Freud, nos textos “Projeto para uma psicologia científica” e “Sobre o narcisismo”, nos diz que é preciso que incida sobre o bebê uma ação específica vinda do outro, que o auxilie a apaziguar suas excitações internas, assim como as excitações oriundas do exterior, ajudando-o na conceituação e discernimento destas excitações, sentidas como ameaçadoras. Uma falha neste mecanismo de simbolização não só dificulta a compreensão e integração das percepções externas apreendidas, como principalmente das percepções internas. Se a mãe ou figura materna não tem a condição psíquica necessária para reconhecer as necessidades de seu filho, interpretará as mesmas conforme as suas próprias necessidades. O bebê crescerá na dependência deste objeto primário, tendo em vista a dificuldade de apreender suas próprias sensações e conseguir promover sua separação (FERNANDES, 2012). A precariedade do investimento materno perturba a representação de um mundo interno e a erogenização do



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MELIANDE, Mariana Barreiros. A constituição subjetiva numa história de compulsão alimentar: estudo de caso. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

corpo, que podem ser traduzidos como “desposseção do corpo, do afeto e do pensamento” (op.cit, 286). A luta pela sobrevivência é de vida ou morte: manter o estado de coisas significa a morte, a desposseção de um espaço próprio, e a mudança, o contrário, significa a vida, a posse de si. Winnicott corrobora a visão freudiana ao afirmar que o apoio do ego materno auxilia a organização do ego no bebê, e com o tempo este se torna apto de afirmar sua própria individualidade, experimentando um sentimento de identidade pessoal, porém, para que isto ocorra de modo satisfatório, a mãe deve ser capaz de se identificar com seu bebê, fornecendo à ele um ambiente humano e pessoal. Ainda segundo este autor, “o importante é que eu sou não significa nada, a não ser que eu, inicialmente, seja juntamente com outro ser humano que ainda não foi diferenciado”. (WINNICOTT, 2013, p. 9).

Apesar de apresentarem pontos de divergência em seus constructos teóricos, Freud, Lacan e Winnicott sustentam a ideia de que a constituição subjetiva é fundamentada numa etapa de dependência, que deverá ser superada para que o bebê se desenvolva como um sujeito singular e autônomo. Lacan denomina esta etapa inicial de alienação, a qual deve ser superada através de uma operação de separação; alienação e separação compreendem três estágios, onde no primeiro há uma espécie de colagem, não há reconhecimento de separação, a lógica operante é a do “ou eu, ou o outro”, significando que não há possibilidade de escolha. Se a escolha é feita por um dos lados, o outro deixa de existir, o que desperta uma angústia intensa. O segundo estágio obedece à lógica do “eu e o outro”, a criança se reconhece no desejo do outro, embora ainda não possa reconhecer-se de maneira diferenciada. No terceiro estágio há a instalação da metáfora paterna, o que significa que o desejo da mãe não se encerra na criança; isto permite à criança também desejar além de sua mãe, possibilitando então que ambas se reconheçam como sujeitos desejantes, e possam enfim se diferenciar. Para permitir a separação de seu bebê, a mãe deve ter tanto a possibilidade de acolher as necessidades fusionais de seu filho quanto seus anseios de diferenciação; não querer abandonar a unidade fusional mãe-bebê pode propiciar à criança a “difícil aquisição de um sentimento de identidade separada, que lhe dá, ao mesmo tempo, a posse de seu corpo, de suas emoções e de sua capacidade de pensar” (FERNANDES, 2012, p. 283).

Para que a criança abandone a unidade fusional e possa emergir como um ser diferenciado, é necessário que ela internalize a função materna e se torne capaz de se autorregular, saciar suas necessidades, atender aos seus desejos, e de ser capaz de se proteger, agindo em favor de sua autopreservação. Neste processo, o mecanismo da introjeção



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MELIANDE, Mariana Barreiros. A constituição subjetiva numa história de compulsão alimentar: estudo de caso. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

permitirá que a função materna seja internalizada substituindo a presença da mãe, e assim sendo, a criança pode prescindir de sua mãe para realizar aquilo que já consiga executar por conta própria. Aos poucos ganha autoconfiança e autossuficiência, ampliando seus recursos, e é isto que garante a confiança no enfrentamento das dificuldades que surgem ao longo da vida. Segundo FERNANDES (2012), é a mediação materna o que permite à criança promover ou buscar seu próprio prazer, e também suportar o seu sofrimento. As primeiras experiências de um bebê com sua mãe são essencialmente corporais, as quais deixam marcas profundas no psiquismo; em função disso, para pensar o lugar que o comer compulsivo ocupa na vida do sujeito, é necessário recorrer ao conceito de incorporação. Enquanto a introjeção é um processo amplo e gradual, que envolve as sensações internas e externas (corpo e psiquismo), a incorporação refere-se estritamente ao corpo, à experiência corporal.

### A incorporação

“Caracteriza um modo de relação objetal característico da fase oral, mantendo uma relação privilegiada com a atividade bucal e a ingestão de alimentos. Embora a oralidade constitua o modelo de incorporação, esta não se limita à atividade oral propriamente dita nem exclusivamente à fase oral. A introjeção e a incorporação constituem, assim, os protótipos do que se denomina identificação primária, que remete à relação pré-edípica do bebê com a mãe”. (FERNANDES, 2012, p. 264)

A falha na introjeção da função materna impede que o campo psíquico da criança se amplie através de um movimento de integração contínuo de suas experiências, de seu corpo, sensações, necessidades e afetos. Pelo contrário, a identificação originária com a mãe, ao invés de servir como suporte para a vida futura da criança, se mantém preservada e restrita ao processo de incorporação no nível oral. Com isso o sujeito não aprende a lidar com as vicissitudes da vida, precisando sempre lançar mão de seu objeto primário através da alimentação, através de atos compulsivos, para se defender de qualquer excitação. Quando a função materna não pode ser internalizada por alguma razão, o sujeito fica desamparado permanecendo à mercê da necessidade de incorporar o objeto, o que reforça a ligação imaginária entre ambos, tornando mais difícil a diferenciação (FERNANDES, 2012). Nestes casos o trabalho exige mais do que técnica ou escuta atenta, conduzindo o terapeuta muitas vezes ao exercício da função materna, a fim de fornecer o apoio necessário para que o paciente consiga integrar suas sensações, experiências, e com isso construir as representações em seu mundo interno, além de criar com ele um espaço onde possa fantasiar e construir sonhos e desejos. Meu trabalho com M. muitas vezes seguiu nesta direção, e



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MELIANDE, Mariana Barreiros. A constituição subjetiva numa história de compulsão alimentar: estudo de caso. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

durante os três anos em que permanecemos juntas, ela conseguiu começar a se cuidar e ter prazer, onde antes só havia regras e todo tipo de interdição que supostamente a protegiam do mal estar. Este caso clínico me propiciou momentos de muita aprendizagem, e a certeza do quanto que a saúde mental materna influi na saúde mental de seu filho, e como esta questão oferece um espaço fecundo para se trabalhar no campo da prevenção do adoecimento psíquico, entre os quais podemos citar os transtornos alimentares, tão frequentes em nossa época.

## REFERÊNCIAS

FREIRE COSTA, J. *Os sobrenomes da vergonha: melancolia e narcisismo.* Em: *Sofrimentos Narcísicos.* Rio de Janeiro. Companhia de Freud, 2012.

FERNANDES, M. H. *Transtornos alimentares.* São Paulo. Casa do Psicólogo, 2012.

FREUD, S. – *Obras Completas de Sigmund Freud,* Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ - (1912) – *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor.*

\_\_\_\_\_ - (1895) – *Projeto para uma psicologia científica.*

\_\_\_\_\_ - (1914) – *Sobre o narcisismo, uma introdução.*

LACAN, J. – *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise,* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

WINNICOTT, D.W. *A mãe dedicada comum.* Em: *Os bebês e suas mães.* São Paulo. Martins Fontes, 2013.

WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual.* São Paulo. Martins Fontes, 2005.

## AUTORA E APRESENTADORA

### **Mariana Barreiros Meliande / Rio de Janeiro / RJ / Brasil**

Psicóloga (CRP-RJ 05-45632) graduada pela UNESA em 2013, com formação em psicoterapia corporal em andamento no Núcleo de Psicoterapia Reichiana (RJ). Experiência em atendimentos individuais e de casais, ex-estagiária profissional do IMPP-RJ, autora de trabalhos apresentados e publicados em eventos acadêmicos e científicos.

**E-mail:** [psicologamariana.bm@gmail.com](mailto:psicologamariana.bm@gmail.com)



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MELIANDE, Mariana Barreiros. A constituição subjetiva numa história de compulsão alimentar: estudo de caso. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Este artigo veio acompanhado da DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA DA NÃO VIOLAÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS DE TERCEIROS, de posse do Centro Reichiano.